A credibilidade do jornalismo e do jornalista em tempos de Inteligência Artificial

Iara Dinamarco de Oliveira, Melissa Ribeiro de Abreu, Vânia Braz de Oliveira.

Universidade do Vale do Paraíba/Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento, Avenida Shishima Hifumi, 2911, Urbanova - 12244-000 - São José dos Campos-SP, Brasil, *dinamarco.oliveira@gmail.com, melissaribeiruo@gmail.com,*vaniajor@univap.br.

Resumo: Este estudo analisa a relação entre a credibilidade jornalística e o uso da Inteligência Artificial (IA) na produção e circulação de informações. A pesquisa foi desenvolvida a partir de revisão bibliográfica e de entrevistas com profissionais da área, buscando compreender os impactos da IA no jornalismo e os principais riscos relacionados à desinformação. Os resultados indicam que a tecnologia pode contribuir para a agilidade e a organização dos processos jornalísticos, mas também apresenta desafios, como a produção de informações falsas e *deepfakes*. As entrevistas destacam que a IA deve ser utilizada como ferramenta de apoio, mantendo a apuração, a verificação dos fatos e o olhar crítico do jornalista. Conclui-se que a tecnologia não elimina a importância do profissional, mas exige maior responsabilidade e atenção aos critérios éticos para preservar a credibilidade da informação jornalística.

Palavras-chave: Credibilidade jornalística. Inteligência Artificial. Jornalismo. Desinformação.

Área do Conhecimento: Sociais Aplicadas

Introdução

A credibilidade jornalística pode ser compreendida como a confiança atribuída pelo público aos veículos de comunicação e aos profissionais da área, sendo fundamental para a legitimidade da informação na sociedade contemporânea. Esse tema se torna ainda mais importante diante das transformações provocadas pelo ambiente digital e pelo uso crescente de tecnologias de Inteligência Artificial (IA) na produção e na circulação de notícias.

A literatura da área aponta que a credibilidade é construída de forma contínua, a partir de práticas como a apuração rigorosa dos fatos, a verificação de fontes, a transparência dos processos e o compromisso ético com a verdade. Autores da comunicação, como Nilson Lage (2001) , no livro "*Estrutura da Notícia*", Luiz Carlos Dias (2024), em "*Não há mundo seguro sem ciência*" e Ricardo Noblat (2002), em "*A Arte de Fazer um Jornal Diário*", destacam a importância da separação entre notícia, da imparcialidade e da responsabilidade social do jornalismo como pilares essenciais para a manutenção da confiança pública. Luiz Carlos Dias (2024) afirma que o letramento científico da população é essencial para enfrentar a indústria de notícias falsas. Nesse contexto, o avanço das tecnologias digitais contribuiu para a ampliação da disseminação de informações verídicas ou não. Esse cenário pode dificultar a análise crítica dos conteúdos consumidos, sobretudo quando não há uma verificação adequada das fontes. Dessa forma, as novas formas de produção e circulação de informações produzidas pelas tecnologias digitais, podem favorecer a propagação de conteúdos desinformativos.

Com a expansão da Inteligência Artificial no campo jornalístico, surgem novos desafios para a credibilidade da informação.

Segundo o Reuters Institute for the Study of Journalism da Universidade de Oxford, 87% dos líderes de empresas jornalísticas dizem que suas redações estão sendo transformadas totalmente ou parcialmente pela IA generativa. O levantamento ouviu 326 líderes de mídia em 51 países. 96% dos líderes consideram a automação de tarefas de bastidores importante para

o futuro das redações. Nesse mesmo estudo, 22% usam IA pelo menos mensalmente para pesquisar histórias, 16% para gerar ideias e 12% para checagem/verificação de informações. Além disso, 18% é o saldo negativo entre os que acreditam que a IA tornará as notícias menos confiáveis, enquanto 8% acreditam que elas ficarão menos precisas e menos transparentes.

Embora a IA contribua para a automação de processos, organização de dados e agilidade na produção de conteúdos, o uso inadequado pode intensificar problemas como a criação de *deepfakes, que segundo Liu Padmanabhan (2025)* é a modificação ou criação de conteúdo sintético por meio de inteligência artificial. O objetivo central é criar mídias (vídeos, áudios e imagens) altamente realistas, fundindo rostos ou vozes em situações ou contextos que nunca aconteceram na realidade. E de disseminação de *fakenews*, que segundo Egelhofer e Lecheler (2019)**,** Definem que as *fakenews* através de três pilares centrais: baixa facticidade (informação falsa ou fora de contexto), adoção de formato jornalístico (como manchetes e diagramação profissional) e a intenção deliberada de enganar por motivos políticos, ideológicos ou financeiros

Dessa forma, este estudo se justifica pela necessidade de compreender os impactos das novas tecnologias na construção da informação e na manutenção da confiança pública no jornalismo, considerando os desafios éticos e profissionais emergentes. A análise de um pequeno recorte desse cenário é essencial para o fortalecimento de práticas jornalísticas responsáveis e para o desenvolvimento de estratégias de combate à desinformação.

Este trabalho tem como objetivos analisar a relação entre credibilidade no jornalismo e o uso da Inteligência Artificial, identificar os principais riscos associados à produção e disseminação de informações automatizadas, por meio de autores e profissionais do mercado jornalístico e discutir a importância de práticas éticas no jornalismo contemporâneo em vista das transformações tecnológicas.

Metodologia

A pesquisa se caracteriza como de caráter exploratório, desenvolvida a partir de pesquisa bibliográfica e entrevistas semiestruturadas. A etapa bibliográfica foi realizada com base nas obras "*A Arte de Entrevistar"*, de Barbara Walters (2009); "*Espreme que Sai Sangue"*, de Danilo Angrimani (1994); "*A Arte de Fazer um Jornal Diário"*, de Ricardo Noblat (2002); "*Estrutura da Notícia"*, de Nilson Lage (1993); e "*Não Há Mundo Seguro sem Ciência"*, de Luiz Carlos Dias (2024). A seleção dessas obras ocorreu por sua relação com os temas centrais da pesquisa, especialmente credibilidade jornalística, produção e estrutura da notícia, técnicas de entrevista, sensacionalismo, ciência e desinformação.

Como complemento à pesquisa bibliográfica, foram realizadas duas entrevistas semiestruturadas com profissionais selecionados, por conveniência, mas também observando sua atuação e conhecimento relacionados ao jornalismo e à Inteligência Artificial. A primeira entrevistada foi Louise Gadioli, jornalista da Jovem Pan, escolhida por sua atuação profissional na área jornalística e por sua experiência com a produção e circulação de informações. A segunda foi Vanessa Polli, especialista em Inteligência Artificial, selecionada por sua experiência e conhecimento sobre o uso da tecnologia e seus impactos na produção e disseminação de informações.

As entrevistas foram realizadas de forma virtual, nos dias 23 e 25 de maio de 2026, respectivamente, por meio de uma pauta jornalística, estrutura essa utilizada no dia-a-dia das atividades de trabalho jornalístico, composta por informações básicas sobre o perfil das entrevistadas, local das entrevistas/agendamentos, foco da entrevista/encaminhamento e as possíveis perguntas. Assim, a pauta foi composta por todas as informações, inclusive por treze perguntas, organizadas em torno dos seguintes temas: credibilidade jornalística, processo de produção e verificação da informação, uso da Inteligência Artificial no jornalismo,

desinformação, riscos tecnológicos e responsabilidade profissional. Sendo citadas nas entrevistas dezoito vezes a palavra “Inteligência Artificial”, seis vezes a palavra “credibilidade”, quatorze vezes a palavra “jornalismo” e seis vezes a palavra “responsabilidade”.

A escolha do formato semi estruturado permite manter questões comuns às entrevistadas e o aprofundamento de aspectos específicos relacionados à experiência de cada entrevistada.

As entrevistas foram registradas por escrito pelas próprias pesquisadoras, mediante autorização das entrevistadas no início da entrevista virtual, seguindo a estrutura da prática de entrevistas jornalísticas opinativas. Após a realização, as respostas foram organizadas de acordo com os principais temas abordados no roteiro visto acima.

Para a análise dos dados, foi realizada uma análise temática e comparativa/análise de conteúdo, considerando as respostas das entrevistadas em conjunto com os conceitos identificados na pesquisa bibliográfica. As respostas foram agrupadas por temas e comparadas entre si, permitindo identificar convergências e divergências entre as perspectivas das participantes e, posteriormente, relacioná-las aos conceitos discutidos pelos autores selecionados. Os temas credibilidade jornalística, verificação da informação, uso da Inteligência Artificial no jornalismo e responsabilidade profissional, foram os mais evidentes, seguidos por desinformação e riscos tecnológicos.

Esse procedimento possibilitou interpretar os diferentes pontos de vista sobre a construção e a manutenção da credibilidade jornalística diante dos desafios contemporâneos, especialmente aqueles relacionados ao uso da Inteligência Artificial e à disseminação de desinformação.

Resultados

Com a análise temática e comparativa/análise de conteúdo, foi possível identificar o uso do conceito credibilidade jornalística se destacando e utilizado por ambas as entrevistadas e por várias vezes, reforçando o que afirma o Noblat (2002) sobre a importância e credibilidade jornalísticas como pilares da profissão, além de ser fundamental para a confiança do público. As entrevistadas destacaram a importância da apuração, da verificação das informações e da responsabilidade do jornalista, especialmente diante do avanço das novas tecnologias, conceitos também vistos como básicos na formação do profissional de jornalismo por Lage (1993).

A entrevista com Louise Gadioli, jornalista da Jovem Pan, se aproxima das ideias de Ricardo Noblat (2002) em “*A Arte de Fazer um Jornal Diário”*, principalmente ao destacar a importância da apuração e da credibilidade no jornalismo. A entrevistada reconhece que a Inteligência Artificial e as redes sociais podem tornar a produção de conteúdo mais rápida, mas defende que essas ferramentas devem servir como apoio, sem substituir o olhar crítico e a responsabilidade do profissional. Essa perspectiva é reforçada por Beckett (2023), ao destacar que as tecnologias de Inteligência Artificial podem contribuir para tornar o trabalho jornalístico mais eficiente, permitindo que os profissionais tenham mais tempo para exercer habilidades humanas essenciais, como a criatividade, a empatia e o julgamento crítico. Dessa forma, a tecnologia pode atuar como uma ferramenta de apoio, sem substituir a responsabilidade e o papel fundamental do jornalista na apuração, interpretação e verificação das informações.

A entrevistada reconhece que a inteligência artificial e as redes sociais podem tornar a produção mais rápida, mas defende que essas ferramentas devem servir como apoio, sem substituir o olhar crítico e a responsabilidade do profissional.

A entrevista com Vanessa Polli também reforça essa perspectiva ao abordar os riscos e as possibilidades da inteligência artificial. A entrevistada destaca problemas como desinformação, vieses e conteúdos manipulados, mas também aponta o potencial da IA na análise de dados e na agilidade da produção jornalística.

De modo geral, os resultados mostram que a inteligência artificial vem transformando a produção e a circulação de informações, mas não elimina princípios básicos do jornalismo. Essa percepção também se relaciona às obras utilizadas na pesquisa, que destacam a importância da apuração, da responsabilidade e da qualidade da informação. Entre os principais desafios identificados está a necessidade de acompanhar a rápida evolução tecnológica sem deixar de lado os critérios éticos e a credibilidade jornalística.

Discussão

A credibilidade é um dos principais elementos para a legitimidade do jornalismo, sendo construída por meio da apuração dos fatos, da utilização de fontes confiáveis e do compromisso com a verdade. Entretanto, o avanço da Inteligência Artificial traz novos desafios para a manutenção dessa confiança, principalmente pela facilidade de produção e circulação de conteúdos que podem apresentar informações falsas ou manipuladas. Ao mesmo tempo, a tecnologia também oferece possibilidades de tornar os processos jornalísticos mais rápidos e eficientes.

As entrevistas realizadas reforçam essa dualidade, pois Louise Gadioli destaca que a IA pode ser utilizada como ferramenta de apoio, mas não deve substituir a atuação do jornalista, principalmente no que diz respeito à verificação das informações e ao olhar crítico sobre o conteúdo produzido. Já Vanessa Polli, por sua vez, chama atenção para riscos como as “alucinações” da IA, os vieses e os *deepfakes*, mostrando que o avanço dessas ferramentas exige maior capacidade de análise por parte dos profissionais e também do público.

Essas perspectivas dialogam com as ideias apresentadas por Ricardo Noblat (2002) e Nilson Lage (2001), que ressaltam a importância da apuração e da qualidade na produção jornalística. Mesmo diante das transformações tecnológicas, esses princípios permanecem necessários para garantir que a informação chegue ao público de maneira responsável. Nesse sentido, a IA não representa, por si só, uma ameaça à credibilidade, mas seu uso sem supervisão e sem critérios pode contribuir para a disseminação da desinformação.

Conclusão

O presente artigo analisou a relação entre credibilidade jornalística e o uso da Inteligência Artificial, buscando responder como essa tecnologia impacta a credibilidade e a desinformação. Utilizou-se revisão bibliográfica e entrevistas com jornalistas ativas no mercado de comunicação. As entrevistas indicam que a tecnologia pode contribuir para o jornalismo, desde que acompanhada de verificação humana e pensamento crítico, a IA pode aumentar a eficiência, mas também favorecer *fake news* e *deepfakes*.

O estudo contribui ao destacar a importância da ética e da verificação de fatos no jornalismo digital. Como limitação, aponta-se o número reduzido de entrevistas, sugerindo pesquisas futuras mais amplas.

Dessa forma, os resultados indicam que o principal desafio para o jornalismo contemporâneo não está em escolher entre tecnologia e atuação humana, mas em encontrar um equilíbrio entre ambas. A Inteligência Artificial pode auxiliar na produção e na organização das informações, enquanto o jornalista permanece responsável pela apuração, interpretação, contextualização e verificação dos conteúdos.

Assim, o olhar humano continua sendo essencial para preservar a ética, a responsabilidade e a credibilidade da informação jornalística.

Referências

Angrimani, Danilo, Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Summus, 1994.

Dias, Luiz Carlos. Não há mundo seguro sem ciência. São Paulo: Planeta do Brasil, 2024

Lage, Nilson. Estrutura da notícia. São Paulo: Ática, 1993.

Noblat, Ricardo. A arte de fazer um jornal diário. São Paulo: Contexto, 2002.

Newman, Nic; Fletcher, Richard; Schulz, Anne; Andi, Simge; Robertson, Crying. Reuters Institute *Digital News Report 2021*. Oxford: Reuters Institute for the Study of Journalism, 2021. Disponível em: Digital News Report 2021. Acesso em:18/08/2026.

Walters, Barbara. A arte de entrevistar. Rio de Janeiro: Novo Conceito, 2009.

Beckett, Charlie; Yaseen, Mira. Generating change: a global survey of what news organisations are doing with AI. London: Polis, The London School of Economics and Political Science, 2023.

Agradecimentos

Agradecemos, primeiramente, aos nossos pais, pelo apoio, incentivo e suporte durante a realização deste trabalho. À professora Vânia, pela orientação, auxílio e contribuições ao longo do desenvolvimento da pesquisa. Agradecemos também às entrevistadas, Louise Gadioli e Profª Vanessa Polli, pela disponibilidade e por compartilharem seus conhecimentos e experiências, contribuindo de forma significativa para a construção deste estudo. Por fim, agradecemos a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho.